



## GT 01 – EDUCAÇÃO FÍSICA E CONTEXTO ESCOLAR

### A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO EM GOIÂNIA/GOIÁS: MAPEANDO AS PRÁTICAS CORPORAIS JUVENIS

Ellen Geovana Gonçalves<sup>1</sup>  
Gabriel Carvalho Bungenstab<sup>2</sup>  
Thaís Ribeiro Montalvão<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** Práticas corporais. Juventude. Ensino Médio.

#### Introdução

A disciplina de Educação Física (EF) obteve avanços no que tange a sua inserção curricular no Ensino Médio (EM), mas também enfrentou problemas históricos de legitimidade nesta etapa de ensino. Dentre os avanços, é sintomático destacar as diferentes propostas metodológicas para o ensino da EF na escola que procuraram marcar/sistematizar os conhecimentos a serem apreendidos pelos estudantes. Além destas propostas, os documentos legais e a crescente produção do campo também contribuíram para justificar a presença da EF no EM.

Tendo em vista as questões supracitadas, o objetivo deste artigo é compreender de que maneira os estudantes das escolas de EM da rede estadual na cidade de Goiânia/GO têm experimentado as práticas corporais que realizam dentro da escola e, também, fora dela

#### Metodologia

Utilizamos neste estudo a revisão bibliográfica, e a pesquisa de campo, realizada nas escolas de EM na cidade de Goiânia. Optou-se por trabalhar metodologicamente lançando mão de aspectos quantitativos e qualitativos por meio de aplicação de questionários para 450 jovens estudantes de segundo ano de dez escolas públicas de EM de Goiânia.

O questionário é uma importante ferramenta em prol de uma busca maior na riqueza dos dados (Macedo, 2000). Em relação à forma, o questionário aplicado define suas questões como fechadas e abertas (Gil, 2008). As questões abertas tiveram a intenção de fazer com que os jovens

---

1 e 3 – Graduanda em Educação Física – UEG, Faculdade do Esporte – ESEFFEGO ([ellenge13@gmail.com](mailto:ellenge13@gmail.com))

2 – Docente – UEG, Faculdade do Esporte – ESEFFEGO

pesquisados desenvolvessem suas próprias respostas, já as questões fechadas possibilitaram a escolha de uma das alternativas apresentadas no questionário.

## Resultados

### O que os jovens pensam: sobre aprendizagens de práticas corporais dentro e fora do universo escolar

A discussão sobre os diferentes espaços de aprendizagens tem ganhado fôlego no cenário brasileiro a partir do entendimento de que, para além da instituição escolar, outras instituições também são espaços geradores de aprendizagens. Para Brendath (2010) os espaços de educação não-formal ganham importância na medida que o modelo educacional formal (pautado no molde neoliberal, na burocratização e na produtividade) não consegue atender as demandas contemporâneas relacionadas a formação humana.

No que tange ao debate sobre os diferentes espaços educativos, Frigotto (2004, p. 63) afirma ser comum confusões entre conhecimento e informação. Para ele, o material pedagógico escolar não deve competir com as intensas variedades de informações que advém dos diferentes meios de comunicação.

A nosso ver, parece que o debate sobre os diferentes espaços educativos só faz sentido se levarmos em consideração o binômio conhecimento/informação. É possível falar em conhecimento no âmbito das comunicações de massa ou das socializações de rua? Será que a própria escola, muitas vezes, não acaba superficializando o conhecimento transformando-o em mera informação? Como isso se daria no campo das práticas corporais?

Nesse sentido, perguntamos aos jovens: 1) se realizam práticas corporais fora da escola; 2) se gostariam de experimentar alguma prática corporal que ainda não tiveram condições e 3) se preferem realizar práticas corporais dentro ou fora da escola.

**Tabela 1 – Realiza alguma prática corporal fora da escola?**

Pergunta/Gênero	Masculino	Feminino	Total (em números)
<b>Sim</b>	151	101	252
<b>Não</b>	56	142	198
<b>Total (em números)</b>	207	243	450

No que tange a pergunta acima, percebemos que 56% dos jovens realizam alguma prática corporal fora da escola, enquanto 44% disseram não praticar. Entre aqueles que praticam, 60% são do gênero masculino e 40% do gênero feminino.

Esses dados nos apontam alguns indícios. O principal deles é o grande número de jovens que, fora da escola, nada fazem em relação às práticas corporais. Nesse sentido, para esses 44% de jovens, cabe à disciplina de EF a tarefa de oportunizar a expansão de seus repertórios culturais e sociais por meio da aprendizagem de práticas corporais. Sendo assim, perguntamos aos jovens se eles gostariam de aprender alguma prática corporal que ainda não tiveram oportunidade.

**Tabela 2 – Gostaria de experimentar alguma prática corporal que ainda não teve condições?**

Pergunta/Gênero	Masculino	Feminino	Total (em números)
<b>Sim</b>	157	185	342
<b>Não</b>	50	58	108
<b>Total (em números)</b>	207	243	450

Do total de jovens pesquisados, 76% gostariam de experimentar alguma prática corporal nova; enquanto 24% não gostariam. Do total dos que gostariam, 46% são do gênero masculino e 54% são do gênero feminino. Dentre as práticas mais citadas pelos jovens do gênero masculino, aparecem: Lutas (19%); Basquetebol (8%); Natação (8%); Esportes de aventura (8%); Futebol Americano (4%); Ciclismo (4%) e Ginástica de academia (4%). Já em relação às práticas mencionadas pelas jovens alunas, temos: Lutas (10%); Natação (8%); Dança (7%); Voleibol (7%) e Ginástica de academia (7%).

Esses dados demonstram, em relação à tabela 1, que o motivo de os jovens não realizarem práticas corporais fora da escola não está ligado diretamente ao desinteresse pelas mesmas, mas talvez sim, a falta de incentivo e de espaços propícios para que essas práticas se efetivem. Contudo, qual o local de preferência dos jovens no que concerne à experiência/vivência das práticas corporais?

**Tabela 3 – Prefere realizar práticas corporais dentro ou fora da escola?**

Pergunta/Gênero	Masculino	Feminino	Total (em números)
<b>Dentro</b>	26	50	76
<b>Fora</b>	119	115	234
<b>Dentro e Fora</b>	40	42	82
<b>Não responderam</b>	25	33	58
<b>Total (em números)</b>	207	243	450

A partir das respostas dos jovens notamos que, independente do gênero, 52% deles preferem realizar práticas corporais fora da escola, enquanto apenas 17% preferem praticar dentro dela. Os jovens que disseram preferir “fora” justificaram da seguinte maneira: 1) falta de materiais e estrutura

dentro da escola; 2) pelo tempo para a prática fora da escola ser maior; 3) por dentro do ambiente formal de educação existir muita pressão e críticas na realização das práticas corporais e 4) pelas “aulas livres” que acontecem.

Segundo Damazio e Silva (2008), fatores como condições materiais e estruturais influenciam de forma significativa no trabalho de ensino-aprendizagem do professor de EF. O professor se vê obrigado, então, a usar o elemento da criatividade e adaptação para conseguir superar possíveis problemas encontrados.

A existência da pressão na realização das práticas corporais dentro do ambiente das aulas faz com que aqueles jovens menos desenvolvidos tecnicamente ou menos “aptos” fisicamente acabem não se sentindo à vontade nas aulas, se desmotivando em relação às mesmas. Outro ponto sintomático nesta discussão se refere às “aulas livres” conhecidas, também, como “rola-bola”. Como justificar nossa presença dentro do EM se o professor de EF não sistematiza e nem dá trato pedagógico nas suas aulas? Dentre as respostas dos questionários, 20% dos jovens escreveram que preferem realizar práticas corporais fora da escola, pois dentro dela “não há muito que fazer”. Dentro desse cenário é preciso questionar o papel do professor. O problema está na formação desse profissional?

Nesse aspecto, nos parece que dentro da escola os conteúdos das aulas de EF estão sendo tratados mais como informação do que como conhecimento. No espaço formal, como já abordado por Frigotto (2004), os conteúdos devem ser trabalhados de maneira pedagogizada traduzindo-se, conseqüentemente, em conhecimentos humanamente válidos. Contudo, uma vez que os jovens nada fazem durante as aulas, só lhe restam momentos efêmeros e superficiais diante dos conteúdos da EF.

### **Considerações finais**

Este artigo procurou mapear, de maneira introdutória, como os jovens estabelecem relações com as práticas corporais dentro do ambiente escolar e, também, fora da escola. Percebemos que: 1) ainda existem muitos jovens que não fazem práticas corporais fora da escola; 2) a maioria desses jovens gostaria de experimentar alguma prática corporal que ainda não teve condições e; 3) os jovens preferem realizar práticas corporais fora da escola. Nesse sentido, em tom conclusivo, levantamos teses, que podem ser desenvolvidas em pesquisas futuras.

A primeira delas diz respeito ao diagnóstico de que muitos jovens não fazem práticas corporais fora da escola. Tal fato parece nos indicar que as práticas corporais em nada estão auxiliando na constituição juvenil desses indivíduos, ou seja, são outros marcadores institucionais

e/ou outras instituições que influenciam e caracterizam estes jovens.

Outra tese está relacionada à (im)possibilidade de pedagogização de alguns conteúdos das práticas corporais. O surgimento/realização de muitas práticas corporais contemporâneas acontece em contextos “contestadores” e “transgressores”. Por exemplo, a movimentação do *le parkour* se dá através de obstáculos físicos que não foram construídos para tal finalidade (o mesmo acontece com a prática do *skate*). Uma vez inseridas na escola essas práticas acabam perdendo seu caráter fundamental de existência (por exemplo, a crítica em relação aos espaços formais e seus ritos), já que a escola ainda não aceita “transgressões” em sua estrutura e em suas regras rígidas. Assim, quando essas práticas corporais aparecem nas aulas, elas nunca surgem na sua totalidade, mas sim como informações/experimentações/vivências efêmeras.

As escolas públicas, a reboque da configuração política atual, desenvolverão um modelo de especialização do trabalho, sobretudo, objetivando criar jovens limitados e especializados. A EF no EM precisa lutar para não reproduzir esta lógica; caso contrário, corremos o risco de sermos uma disciplina cada vez mais superficial e descartável.

### Referências

- BENDRATH, Eduard Angelo. Escola, Educação não formal e a formação do profissional de Educação Física. **Motrivivência**, Ano XXII, nº 35, p 286- 300, dez. 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br>. Acesso em: 09 Fev. 2017. Acesso em: 25 set 2018.
- DAMAZIO, Márcia Silva; SILVA, Maria Fátima Paiva. O ensino da Educação Física e o espaço físico em quês tão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 197-207, 2008.
- FRIGOTTO , Gaudêncio. Sujeitos e conhecimento: os sentidos do ensino médio. In: FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria. (Orgs.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. SEMTEC/MEC: Brasília, 2004.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: Edufba, 2000.